

Os Avá-Canoeiro e a sua arte: a confecção de canoas e a cachimbação

Brenda Maria Rodrigues dos Santos¹ (IC) *, Poliene Soares dos Santos Bicalho² (PQ)

Universidade Estadual de Goiás Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Resumo: O presente artigo busca cumprir papel importante relativo à cultura dos povos indígenas Avá-Canoeiro. Além disso, busca expor as nuances, a fragmentação e as transformações culturais que o povo Avá-Canoeiro sofreu com o tempo, devido à constante perseguição que sofreram. A relevância desta pesquisa reside na oportunidade de ampliação dos conhecimentos sobre a prática Avá-Canoeiro do ritual da Cachimbação, além de ainda contribuir para o preenchimento de lacunas, na historiografia, referente às artes indígenas deste e outros povos. Os Avá-Canoeiros, de todos os indígenas do cerrado, juntamente com os Kayapó, eram os mais temidos, que se caracterizavam por ser um povo sedentário e de hábito diurno, que costumava viver às margens dos rios Tocantins e Araguaia. Porém, com as expedições dos bandeirantes ao Centro-Oeste e as perseguições aos indígenas, esse povo passou a se sentir cada vez mais acuado e acabaram se tornando nômades. Com esta mudança no modo de vida, esse povo sofreu significativas alterações culturais, que serão expostas nesse trabalho, assim como traços de sua cultura que sobrevivem até os dias atuais.

Palavras-chave: Arte indígena. Avá-Canoeiro. Cerrado. Cachimbação. Ritual

Introdução

Quando dizemos que um objeto indígena tem qualidades artísticas, estamos lidando com conceitos que são próprios da civilização ocidental, mas, supostamente, estranhos aos indígenas. Pois, suas produções são quase invariavelmente destinadas a algum uso, diferente das concepções artísticas europeizadas. Confundem-se entre eles arte e artefato, não existindo a ideia de arte por si mesma, aquela entendida primariamente para o puro desfrute estético e/ou para a transcendência da alma.

(...) a grande diferença reside na inexistência entre os povos indígenas de uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados, distinção esta que nem a arte conceitual chegou a questionar entre nós, por ser tão crucial à definição do próprio campo. (LAGROU, 2009, p. 14)

Também, entre os indígenas, não existe uma figura do artista como um indivíduo que busca sempre apresentar novas criações mais do que preservar a tradição. A mão individual indígena, porém, deixa marcas reconhecíveis na obra,

¹ Discente do curso de História, PIBIC/CNPQ, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, e-mail: brenda_maryr@hotmail.com

² Professora coordenadora do projeto. Doutora em História social pela Universidade de Brasília.



uma marca que, permanecendo dentro de limites estreitos, é apreciada, e que também permite reconhecer os mestres em cada especialidade, cujo trabalho se destaca entre os demais e os habilita a ensinar a outros a tradição. O papel de mestre entre os povos indígenas, segundo Lagrou, pode ser observado naqueles que se sobressaem na arte da tecelagem e no canto de caça masculino, por exemplo, que são atividades produtivas.

O “conceito de arte” é nosso: é ocidental e de raiz européia, e se o utilizamos para falar de coisas produzidas por outras culturas que não possuem este conceito, é porque nossa própria definição de arte necessita incluir outras formas de se conceber a atividade artística, em que as práticas sociais que envolvem a produção e a apreciação de objetos ou fenômenos estéticos não são separadas do conjunto da realidade cultural da sociedade. (NUNES, 2011, p.151)

De todos os grupos indígenas do cerrado, provavelmente os mais temidos foram os Canoeiro, cuja localização ainda é apresentada de maneira variada pelos autores que a eles se referem. Os Avá-Canoeiro eram e ainda são um povo sedentário e de hábitos diurnos que habitam o centro-oeste brasileiro, costumavam viver às margens de grandes rios, principalmente os Araguaia e Tocantins. Porém, na medida em que os bandeirantes desbravaram o interior do Brasil, esse povo passou a se sentir acuado com a presença do não indígena e se tornou nômade, devido às perseguições que sofriam. Depois de décadas de perseguições dos bandeirantes, fazendeiros e missionários, os canoeiros se reduziram e se fragmentaram, ao longo dos séculos XIX e XX, em dois pequenos grupos.

Desse modo, ambos os grupos tiveram trajetórias e formas de deslocamento, contato com os não indígenas, organizações socioculturais, riquezas e direito à Terra Indígena diferentes. Esses fatores podem ser cruciais para as diferenças étnicas. Contudo, carregam em si traços de ser Avá-Canoeiro – e com isso a história violenta de extermínios não conseguiu acabar. (...) É preciso refletir de forma crítica a trajetória das duas famílias; as reorganizações socioespaciais e culturais pelas quais ambas passaram, além dos diferentes interesses econômicos que cercaram a vida indígena e promoveram a disputa por seus territórios. (GOMES, 2016, p.153).

Os Avá-Canoeiro sofreram significativas mudanças culturais quando abandonaram o sedentarismo e foram forçados a adotar uma vida nômade. Perderam traços peculiares, como o domínio da arte da canoagem, mantida por



séculos e responsável pela denominação que adquiriram do não indígena, pois abandonaram os rios para buscarem no interior das matas melhor proteção contra seus “predadores”.

De tantas perdas e esquecimentos trágicos na cultura dos canoeiros, uma em especial ainda se mantém viva, mesmo depois da quase dizimação da etnia, a arte da cachimbação. O cachimbo, por ser encontrado em ambos os grupos, sugere um contato anterior à subida do grupo Avá-Canoeiro para o Araguaia. A pesquisa também dá ênfase a essa prática artístico-cultural que pode ser considerada como tal por suas diversas características, como a produção do artefato, o cachimbo, a preparação dos corpos para o ritual, através da pintura com jenipapo, e a entoação de cantos e usos do maracá pelos Avá-Canoeiro. Além do mais, é uma característica peculiar desse povo e que chama a atenção por sua continuidade, mesmo diante de tantas rupturas decorrentes de uma história marcada pela tragédia.

Material e Métodos

No que se refere aos termos metodológicos, este trabalho se referencia na leitura crítica de diferentes fontes acerca da história dos Avá-Canoeiro em Goiás e no Tocantins, afim de alcançar uma história o mais verossímil possível sobre a real trajetória desse povo. As principais referências usadas na elaboração deste trabalho foram Dulce Madalena Rios Pedroso, Lorraine da Silva Gomes e Cristhian da Silva Teófilo; além da participação em palestras no TECCER, onde tive a oportunidade de conhecer a Professora Lorraine Gomes e ouvir um pouco mais sobre sua brilhante pesquisa com os Avá-Canoeiro.

Resultados e Discussão

A perda da habilidade artística de confecção de canoas e a conservação da arte da Cachimbação



O processo de ocupação do Centro-oeste brasileiro foi marcado pelo confronto entre europeus e indígenas. Os colonizadores tentavam uma maneira de formação de capital, se valendo dos recursos naturais e da mão de obra nativa. Até mesmo os negros trazidos da África, para serem escravizados, foram usados na captura dos índios. Não sabemos de fato como se deu a formação das diferentes etnias indígenas que habitaram Goiás,

Contudo, a arqueologia nos mostra que a região de Goiás já era habitada por volta de 9.000 a.C. Grupos nômades, caçadores e coletores usavam instrumentos lascados para conseguirem seus alimentos. Com o passar do tempo, o aumento populacional, e o trabalho com a cerâmica levaram a população à vida sedentária. Assim formaram-se as primeiras aldeias indígenas, por volta do ano 1.000 a.C. (POLONIAL, 2001, p.16).

Segundo Polonial, não se sabe o número certo de indígenas em Goiás no século XVIII, mas, pelo menos 35 etnias foram registradas, a maioria delas foi dizimada de forma bárbara durante a colonização e o desbravamento. Os Avá-Canoeiro, na medida em que os bandeirantes desbravavam o interior do Brasil, passam a se sentir acuados com a presença do não indígena e se torna nômade, devido às perseguições que sofriam. Depois de décadas da perseguição dos bandeirantes, fazendeiros e missionários, os canoeiros se reduzem e se fragmentam.

Entre 1973 e 1974 um grupo de dez sobreviventes do Araguaia são capturados por uma violenta frente de atração da FUNAI. Esse grupo, depois de capturado, foi transferido para a aldeia de Canoanã, dos Javaé, no interior da Terra Indígena Parque do Araguaia, na Ilha do Bananal, hoje estado do Tocantins. Embora tenham sido transferidos por agentes do Estado, os Avá-Canoeiro foram recebidos pelo povo Javaé como perdedores de guerra e incorporados a uma posição subalterna de inferioridade social no território daquele povo.

Cerca de dez anos depois, um grupo de 4 indivíduos foi descoberto no rio Tocantins, no estado de Goiás, após entrarem em contato com fazendeiros locais. O grupo vive hoje no posto da FUNAI em Serra da Mesa, e faziam parte de uma aldeia massacrada por volta de 1969, situada na Mata do Café. A FUNAI tentou uma junção ou mesmo uma reaproximação desses dois grupos, os de Goiás e os do



Tocantins, porém, os Avá, hoje ameaçados de extinção, se tornaram um tanto quanto introspectos devido às marcas e cicatrizes causadas pela trágica história de perseguições e resistências que viveram, o que os tornou mais arredios e desconfiados em relação a terceiros. Os Avá-Canoeiro sofreram grandes alterações étnico-culturais quando abandonaram o sedentarismo e foram forçados a adotarem uma vida nômade.

Assim, como parte de uma tradição milenar, a organização espacial e sociocultural desse povo, por muito tempo, ocorreu às margens dos rios ou próximo a eles. Logo, Toral (1984, p. 396) destaca que, até o final do século XVIII a localização dos Canoeiro era dada em função de sua distribuição ao longo dos rios. Com perseguições cada vez mais intensas e massacres violentos nos séculos XIX e XX, passaram a ficar mais afastados das margens dos formadores do Tocantins (rios Parã e Maranhão), estabelecendo-se nas altas serras e morros.

Pondera-se que a saída dos Avá-Canoeiro das margens dos rios foi uma das mudanças, traumáticas e forçadas, que proporcionou diversas reorganizações espaciais e culturais no modo de vida desse povo. Assim, a confecção e a utilização de canoas e remos tradicionais (de madeiras leves ou escavadas a partir de árvores derrubadas) passaram a ser algo remoto. “Agora eram canoeiros sem canoas, sem rios” (GOMES, 2016, p.159).

É impossível não se conder com a trágica história dos “cara-preta³” que acabaram se fragmentando com as constantes caçadas do homem branco, e pela busca de sobrevivência, acabaram se submetendo às formas de vida que não eram suas. Porém, apesar da perda da habilidade da confecção de canoas, os Avá-Canoeiros não perderam a sua peculiar habilidade da travessia dos rios com a canoa.

No ano de 1983, um pequeno grupo formado por 4 pessoas, são elas Naquatha, Iawí, Thua e Matha, foi descoberto por fazendeiros na região de Serra da Mesa. Esse grupo vivia vagando pela mata e costumavam pegar coisas das fazendas às escondidas, como caixa de bananas, milho, instrumentos como martelos e foices, entre outras. O grupo permaneceu oculto até fazerem contato, por

³ O povo Avá-Canoeiro se tornou conhecido como “cara-preta” no século XX devido a utilização de jenipapo em sua pintura corporal.



iniciativa própria, com fazendeiros da região. Segundo João Carlos Barreto⁴, o que possibilitou o reconhecimento do grupo como de fato Avá-Canoeiro foi a forma como o único homem do grupo, lawí, remou a canoa da FUNAI.

A esta altura, os estudiosos sabiam tratar-se de um grupo Tupi, mas seriam os bravos e valentes Canoeiros? Surgia a dúvida, logo dissipada quando viram lawí remando a canoa da FUNAI pela primeira vez, com fortes remadas, ele jogou a pesada canoa rio acima. Marcou as pedras, aproveitando a força do remanso para aumentar a velocidade. Enquanto viajava em águas calmas, olhou para a outra margem, marcando seu objetivo e calculando a velocidade da correnteza no meio do rio. No local exato, lançou a canoa para o largo, aproveitando a linha de choque das águas do remanso com a correnteza, remando calmo e equilibrado. A alguns metros da correnteza do meio, forte e lisa, forçou e apressou as remadas entrando de bico a furo. A canoa balançou-se na forte correnteza e começou a rodar o bico, desgovernada mas com a virada de remo, calçando a trazeira em sentido contrário, colocou o bico da canoa corrente acima. Cruzou a zona perigosa e entrou nas águas calmas de outra margem, aportando no local predeterminado, ao lado de um tronco onde amarrou a embarcação. A esta altura não restava dúvida: lawí e seu grupo são mesmos famosos Avá-Canoeiros (BARRETO, 1987, p. 39-40).

Uma prática cultural dos Avá-Canoeiro, porém, permaneceu e permanece viva, o ritual da Cachimbação. Os Avá-Canoeiro necessitaram de reelaborar as suas práticas e interpretações culturais, pois, ao longo de tantos anos ocorreram diversificadas histórias de contatos individuais. Segundo o antropólogo social Cristhian Teófilo (2005), é necessário compreender as representações e práticas dos Avá sobre um contexto de dominação, considerando que foi por circunstâncias irregulares que estes indígenas tiveram que realizar substanciais alterações em suas tradições culturais e perspectivas de vida, para além daquelas inerentes a toda cultura e em um mundo em transformação permanente. Neste sentido, o ritual xamânico da Cachimbação, realizado pelos Avá -Canoeiros, permanece presente em suas práticas.

Como não presenciei nenhum ritual xamânico, chamado de “cachimbação” pelos Avá-canoeiros e pelos funcionários que afirmam tê-lo escutado em diversas noites e madrugadas adentro quando os avá-canoeiros residiam próximos aos pontos indígenas (antigo e atual), não posso precisar seus propósitos ou funções. Pelas descrições que me foram feitas (tanto pelos funcionários como pelos indígenas) que mencionam: o uso dos cachimbos, maracás, a entoação de cantos (hoje iniciados por lawí que é acompanhado pelas demais mulheres avá-canoeiro adultas), a pintura corporal com

⁴ Jornalista brasileiro autor do livro “Meu encontro” (1987), no qual relata seu encontro com os Avá-Canoeiro.



jenipapo, a presença de pássaros em torno dos fogos após o uso dos cachimbos e maracás pelos avá (o que sempre pode observar após estas ocasiões, na manhã seguinte ao evento ritual); pode-se tanto especular que se tratam de ritos de contato com antepassados mortos quanto ritos de controle das forças violentas do trovão. (TEÓFILO, 2005, p. 52)

No interior das casas destes indígenas, no lugar do fogo doméstico, podem ser vistas fogueiras acesas que são elementos da “cachimbação”, e que, segundo Teófilo, marcam simbolicamente o espaço ritualístico no interior da obra. Podemos observar, neste ritual, o grande respeito dos Avá-canoeiro por seus antepassados e pelas forças da natureza. Segundo Florestan Fernandes (1952), é sabido que, entre os povos Tupinambás, os seus antepassados se comunicam através de uma ave-noturna chamada Matinta-Pereira. Essa presença de aves durante e após o ritual da Cachimbação, conforme nos relata Teófilo, mostra a ligação dos indígenas com esses animais, que para eles significa a manifestação de seus antepassados através dos pássaros.

Outra função do ritual da cachimbação para os Avá-Canoeiro é o da cura de doenças, e a aspersão da fumaça do cachimbo no doente, segundo os indígenas, seria o remédio para a cura das moléstias.

Ritos de cura e moléstia que afetem o organismo como um todo também são realizados pelos avá-canoeiros, mas nesses casos, conforme informação de funcionários e dos avá, as aves e os maracás não parecem ser acionados e sim a aspersão da fumaça do cachimbo (o fumo é chamado de remédio ou remedião e é degustado em ocasiões de lazer), sopros, massagens e tapas na cabeça do doente. Estes gestos são praticados com intuito de “tirar” ou “expulsar” a moléstia do corpo do doente. (TEÓFILO, 2005, p.154)

A partir da análise deste ritual da cachimbação Avá-Canoeiro, ainda com a pouca quantidade de informações sobre o mesmo, diante do que nos é apresentado por tamanha complexidade ritualística, é importante levarmos em conta o caráter artístico de tal prática. O cachimbo é utilizado durante o ritual xamânico como invocador de seus antepassados e controlador das forças naturais, combinado com pinturas corporais feitas com o jenipapo e com músicas ao ritmo do instrumento musical maracá, que é produzido com pequenas cabaças nas quais se colocam pedras ou sementes, e, posteriormente, são enfeitados com penas.



Na definição do importante filósofo de arte, Arthur Danto, pode ser considerado arte aquele objeto que foi produzido em diálogo com a história da arte. No caso das artes produzidas fora do contexto metropolitano, esse contexto seria substituído, em termos claramente hegelianos, pelo discurso religioso ou cosmológico do lugar. (DANTO, 1989 *apud* LAGROU, 2010, p. 15)

Além disso, ainda de acordo com Danto, citado por Lagrou, reconhecendo que no contexto nativo todos os objetos podem possuir várias funções, inclusive utilitárias, o autor afirma que mesmo assim é preciso e possível distinguir entre “meros objetos utilitários”, os artefatos, e “objetos especiais”, candidatos ao estatuto de obra de arte.

Levando em consideração que, para os indígenas, todos os seus feitos têm uma função, cabe a nós reconhecer nestes belos rituais o seu inestimável valor cultural e artístico. A arte, portanto, segundo Lagrou (2010), para se distinguir do “mero” artefato de uso cotidiano e utilitário, deve ser obra de reflexão, expressando o espírito de seu tempo, ou, no caso, o espírito de seu povo, reconhecendo que no contexto das comunidades indígenas, todos os objetos podem possuir várias funções.

Considerações Finais

O povo Avá-Canoeiro possui uma história marcada por diversas lutas e rupturas e que deve ser resgatada e estudada pela historiografia de modo mais pontual, criterioso e urgente. A partir do estudo acerca da perda da arte de confecção de canoas e da continuidade da arte do ritual da cachimbação, realizada ainda hoje pelos Avá-Canoeiros, podemos preencher um pouco das várias lacunas referentes a este povo e cultura, tendo como foco as suas artes do passado e do presente.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa, que permitiu a realização deste trabalho; a Universidade Estadual de Goiás; aos colegas que



participaram, juntamente comigo, do projeto Arte Indígena no Cerrado; Saberes, Educação e Museus; e à coordenadora do projeto, professora Dra. Poliene Soares dos Santos Bicalho, pela oportunidade de participação neste Programa de Iniciação Científica.

Referências

BARRETO, João Carlos S.C. **Meu encontro Avá-Canoeiro**. Editora Alfhard, 1987.

GOMES, Lorraine da Silva. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká: Ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá- Canoeiro do rio Tocantins**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

LAGROU, E. **Arte Indígena: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

LAGROU, E. **Arte ou artefato?** Agência e significado nas artes indígenas. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso em: 22/03/2016.

NUNES, Fabrício Vaz. **As Artes Indígenas e a Definição de Arte**. Curitiba. Embap, 2011.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **O Povo Invisível: a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX/ Dulce Madalena Rios Pedroso**. – Goiânia: UCG, 1994. POLONIAL, Juscelino Martins. **Terra do Ananguera: História de Goiás**. Goiânia: Editora Kelps, 2001. (136 p).

POLONIAL, Juscelino Martins. **Terra do Ananguera: História de Goiás**. Goiânia: Editora Kelps, 2001. (136 p).

RODRIGUES, Aryon. D. **Línguas Indígenas: 500 Anos de Descobertas e Perdas**. DELTA, SÃO PAULO, v. 9, n.1, p. 83-103, 1993.

SILVA, Cristian Teófilo. **Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no Alto Rio Tocantins**. Tese de doutorado. Brasília. Faculdade de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2005